



Trabalhos Científicos

Título: Sífilis Congênita No Brasil: Qual A Realidade Da Última Década?

Autores: LUZIA POLIANA ANJOS SILVA (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA), LEONARDO MOREIRA MIRANDA BATISTA (UNIÃO METROPOLITANA DE EDUCAÇÃO E CULTURA - UNIME), LARISSA MERCÊS MOREIRA (UNIÃO METROPOLITANA DE EDUCAÇÃO E CULTURA - UNIME), ANNANDA DAMASCENO DE CARVALHO (UNIÃO METROPOLITANA DE EDUCAÇÃO E CULTURA - UNIME)

Resumo: Introdução: A sífilis congênita (SC) é considerada um problema de saúde pública, especialmente devido a falta da identificação da sorologia nas gestantes, ou quando não há tratamento adequado para a infecção antes ou durante a gestação. Implicando em custos elevados ao SUS devido a sua alta morbi-mortalidade. Objetivo: Descrever o perfil de internações por SC e sua evolução temporal no Brasil entre 2008 e 2018. Métodos: Estudo descritivo quantitativo, baseado nos dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Pesquisou-se o subitem “Sífilis congênita” na Lista de Morbidades do Capítulo Internacional de Doenças (CID-10), entre janeiro de 2008 e dezembro de 2018. Analisou-se a distribuição de internamentos na faixa etária de 0 a 4 anos, de acordo com sexo e cor/raça, assim como óbitos e gastos hospitalares resultantes para o Sistema Único de Saúde (SUS). Resultados: Observou-se que, no período analisado, houve 94.084 internações por SC no Brasil. O sudeste apresentou o maior número de atendimentos, com 36.070 casos, seguido pelo Nordeste, 33.262 casos. O sexo feminino teve maior prevalência, com 52,3. Houve predomínio de crianças pardas em todas as regiões, exceto no Sul, com 67 dos casos acometendo a raça branca. O ano de 2008 apresentou o menor número de casos, 3.239, e 2018 o maior, com 16.892 internações. Houve 209 óbitos no período, com predomínio no Nordeste, 44, seguido pelo Sudeste, 29,7. A despesa com serviços hospitalares no período ultrapassou 48 milhões de reais. Conclusão: A ocorrência da SC mostra-se crescente no período analisado, resultando em elevados gastos para o SUS. Apesar do Sudeste apresentar o maior número de casos, possui mortalidade menor que o Nordeste, segunda maior região em prevalência. Dessa forma, é essencial o acompanhamento pré-natal adequado com realização da sorologia e tratamento precoce dos casos identificados evitando assim sequelas tardias.